
MORTE E FINITUDE: SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Gabriela Kubota Alves; Mariele Rodrigues Correa.
gk.alves@unesp.br.

*Departamento de Psicologia Social, Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Campus de Assis,
UNESP/PROPe (PIBIC).*

Introdução:

A morte se faz presente na vida humana desde o início da existência, seja de maneira simbólica, como na vivência do desamparo e da angústia de aniquilamento na ausência da figura materna, seja de forma concreta, por conta da nossa condição inata de seres finitos. Ainda que constitua parte intrínseca do desenvolvimento humano, a morte continua sendo um tabu na sociedade ocidental, frequentemente associada à velhice e carregada de estigmas sociais. A sociedade contemporânea, marcada pelo ritmo acelerado de produção e pela valorização da juventude, da felicidade e da performance, reforça a negação do sofrimento, do luto e da finitude humana. Ao mesmo tempo, evidencia o fracasso da empatia como valor relacional e ético, especialmente frente à dor, à vulnerabilidade e à perda (Kovács, 2002).

A pandemia da covid-19, ao provocar perdas massivas e incertezas generalizadas, trouxe a morte ao centro da experiência coletiva, rompendo silêncios e revelando a urgência de discutir a temática. Além disso, pequenas mortes simbólicas também nos atravessam ao longo da vida, especialmente na fase adulta jovem, a partir dos 18 anos, com mudanças de cidade, término de relacionamentos, casamentos, maternidade e paternidade, entrada e saída de cursos ou empregos. Muitas vezes essas transições são entrelaçadas com significativo sofrimento psíquico (Kovács, 2002), tornando essa etapa da vida essencial para se pensar os sentidos de morte, vida e finitude.

Em tempos marcados por intensas transformações sociais, instabilidades e múltiplas crises — geopolíticas, ambientais, éticas e climáticas -, a morte não é apenas evitada ou medicalizada, mas também transformada em espetáculo consumível, marcado pelo distanciamento emocional promovido pelos meios de comunicação e entretenimento (Ferreira Júnior; Pereira, 2018). Assim, torna-se fundamental compreender como os jovens, particularmente no contexto universitário, percebem, sentem e se posicionam diante da morte. Este estudo buscou retomar criticamente essa reflexão, destacando a educação para a morte como estratégia de cuidado em saúde mental, de promoção da qualidade de vida e de

fortalecimento dos vínculos comunitários. A proposta dialoga com o tema do congresso ao abordar a finitude como parte da experiência humana e parte de uma reconstrução possível após “o fim de um mundo”.

Objetivos:

Este estudo teve como objetivo investigar as percepções, crenças e sentidos atribuídos por jovens universitários à temática da finitude humana, explorando suas visões sobre a própria mortalidade e a do outro. Buscou-se averiguar a aproximação dessa faixa etária com a morte e o morrer, bem como identificar seus medos, angústias e experiências de perda e luto. Além disso, analisou-se a influência de fatores socioculturais, como religião, família, mídias e educação, na construção de significado pessoal da morte, com o intuito de contribuir para a ampliação do debate acerca do lugar da morte no desenvolvimento humano e valorizar a educação para a morte como estratégia de promoção da saúde mental.

Método:

A pesquisa foi conduzida sob uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com o objetivo de compreender as crenças, percepções e atitudes de jovens universitários frente à morte e à finitude humana. A amostra foi intencional, composta por 15 estudantes, com idades entre 19 e 25 anos, regularmente matriculados nos diferentes cursos de graduação de uma universidade pública localizada no interior do estado de São Paulo. Os participantes estavam distribuídos em diversos períodos, a fim de ampliar a variedade de respostas.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas presenciais, gravadas mediante consentimento dos participantes, e posteriormente transcritas. A análise do material foi feita com base na técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2009), organizada em categorias temáticas e fundamentada nos campos da Tanatologia, Psicologia da Morte e Psicologia Social. Todo o processo seguiu rigorosamente os princípios éticos da pesquisa, incluindo assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e garantia de sigilo e confidencialidade dos dados.

A Análise de Conteúdo constitui um método rigoroso e flexível para o tratamento de dados oriundos de diferentes formas de comunicação, como entrevistas, vídeos ou documentos escritos. Seu objetivo é acessar os significados subjacentes às falas, por meio de um processo sistemático que envolve três etapas principais: pré-análise (leitura flutuante e intuitiva do corpus), exploração do material (recorte do conteúdo em unidades de sentido e agrupamento

em categorias temáticas) e tratamento dos resultados (Nunes, 2005). Assim, foi realizada uma categorização indutiva, com o intuito de compreender, de maneira estruturada, como os sujeitos significam a morte em seus contextos subjetivos e socioculturais.

Resultados e Discussão:

A partir da análise do material, emergiram as seguintes categorias temáticas: significação pessoal e percepção sociocultural da morte; crenças sobre o pós-morte; vivências de perdas e lutos; representações midiáticas e literárias da morte na vivência dos jovens; e a presença do tema da morte no curso de graduação. Essas categorias organizaram as diversas dimensões afetivas, simbólicas, culturais e acadêmicas presentes no discurso dos participantes, possibilitando uma análise aprofundada dos sentidos atribuídos às mortes concretas e simbólicas presentes nessa faixa etária.

Significação pessoal e percepção sociocultural da morte

A palavra “morte” foi associada a sentimentos negativos que evocam dor e ruptura, como “tristeza”, “luto”, “solidão”, “angústia”, “tecido rasgando”, além de imagens relacionadas à escuridão, como “breu”, “ausência de luz”. Ainda que as visões foram majoritariamente negativas, também surgiram significados ambíguos, como “descanso”, “fim de um ciclo e início de outro” e “saudade”, indicando compreensões mais espiritualizadas da morte enquanto etapa de transição ou libertação.

A percepção social e cultural da morte entre os jovens entrevistados revelou uma compreensão crítica sobre a forma como a sociedade brasileira lida com o tema, cuja maioria apontou ser tratada como um “tabu”, um conteúdo socialmente reprimido e muitas vezes ocultado desde a infância. Essa repressão estaria associada, de acordo com os participantes, a um medo coletivo da morte, sustentado por fatores como a influência de uma cultura majoritariamente cristã — que vincula o pós-morte à ideia de punição ou recompensa —, a crença de que falar sobre a morte atrai sua presença, e a valorização da juventude e da longevidade como ideais a serem preservados a qualquer custo. Em contraste, os participantes também mencionaram culturas que lidam com a morte de forma mais integrada e naturalizada, como o México e seu Dia dos Mortos, contextos indígenas e venezuelanos, e a dualidade entre tabu e banalização da morte no Brasil. Há a percepção de que embora ela seja evitada como experiência existencial, ela é constantemente exposta e banalizada no âmbito midiático, aparecendo com frequência em noticiários, filmes, jogos e séries.

Crenças sobre o pós-morte

As crenças sobre o pós-morte variaram entre perspectivas religiosas, espiritualistas, agnósticas e ateístas. Parte dos participantes acredita na continuidade da existência (como reencarnação, evolução espiritual ou justiça divina, no sentido de punição ou recompensa), enquanto outros veem a morte como cessação definitiva da existência. Houve ainda discursos ambivalentes que oscilaram entre crença e ceticismo. Essas visões refletem a diversidade subjetiva e o papel da cultura na construção de sentido diante da vida e morte.

Vivências de perdas e lutos

As vivências de perdas e lutos relatados pelos participantes evidenciaram a complexidade com que os jovens experienciam a finitude, tanto em perdas concretas - como entes queridos e animais de estimação - quanto em perdas simbólicas, como mudanças de cidade, término de relacionamentos e encerramentos de ciclos. Destacou-se a ausência de diálogo familiar sobre o tema, o que levou muitos a compartilharem suas experiências sobretudo com amigos e em espaços terapêuticos. Em diversos relatos, as perdas foram descritas como marcos significativos na construção da identidade, catalisadores de amadurecimento e reorganizações existenciais. O luto, nesse contexto, emergiu como um processo central na subjetivação e no modo de ser e estar no mundo.

Representações midiáticas e literárias da morte na vivência dos jovens

Embora normalmente seja temida, Bauman (1998) aponta que a morte é impulsionadora de tradições, culturas, religiões, instituições e está presente nas artes, na literatura e na música. Filmes, séries e livros são importantes mediadores emocionais, permitindo contato simbólico com o tema da morte. Essas representações, ainda que desconfortáveis, ajudam a elaborar perdas, despertam empatia e promovem consciência sobre a finitude. Os filmes, séries e desenhos citados incluíam a morte de personagens ou reflexões sobre a temática, como: “Marley & Eu”, “Grey’s Anatomy”, “Wandavision”, “A Culpa é das Estrelas”, “Como Eu Era Antes de Você” e “Um Dia”. Também foram citadas obras literárias como: “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Vermelho Amargo” e “O Apanhador no Campo de Centeio”, que evocam reflexões sobre a morte sob diferentes perspectivas narrativas.

A presença do tema da morte no curso de graduação

As abordagens da morte variaram entre os cursos. Em áreas biológicas (Biologia e Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia), o tema apareceu de forma objetiva, focado em

aspectos técnicos (como ciclo vital, evolução) e bioéticos. Em Letras e História, ele é tratado simbolicamente por meio de obras literárias e contextos históricos. Já na Psicologia, embora exista uma disciplina específica sobre o tema, ele é tratado de maneira pontual ou em eventos extracurriculares, como simpósios e cursos de extensão. De modo geral, a morte apareceu de forma esporádica e/ou periférica na grade curricular dos entrevistados.

Conclusão:

Este estudo revelou que jovens universitários atribuem sentidos complexos e multifacetados à morte, integrando suas experiências pessoais, crenças culturais e sociais. Apesar da morte ainda ser um tema tabu e carregado de estigmas, ela permeia de forma significativa a vida desses jovens, tanto por meio de perdas concretas quanto simbólicas, influenciando a construção de suas identidades. As representações midiáticas desempenham um papel duplo: algumas funcionam como mediadoras emocionais e simbólicas, facilitando o contato e a elaboração do tema da morte e das perdas, enquanto outras, como jornais, jogos e certos tipos de filmes, apresentam a morte com distanciamento emocional e sob uma perspectiva espetacularizada. Esses achados reforçam a importância de promover a sensibilização e a humanização em torno do tema. A educação para a morte é uma ferramenta fundamental no cuidado em saúde mental, ao estimular a compreensão da morte como um fenômeno natural e intrínseco à vida. Ela não acontece apenas na velhice, mas é um evento universal que pode ocorrer em qualquer etapa da nossa existência.

Referências:

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FERREIRA JÚNIOR, Avimar; PEREIRA, Marcos Emanuel. Cuidados na divulgação da morte por suicídio e por homicídio: uma perspectiva crítica. In: FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). *Vida, morte e luto: atualidades brasileiras*. São Paulo: Summus Editorial, 2018. p. 257-265.
- KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- NUNES, Maria Lucia Tiellet. Entrevista como Instrumento de Pesquisa. In: MACEDO, Mônica Medeiros Kother; CARRASCO, Leanira Kesseli (orgs.). *(Con)textos de entrevista: Olhares diversos sobre a interação humana*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005